

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

**ENTRE A ORALIDADE E A ESCRITA: MEMÓRIA E RESISÊNCIA  
NEGRA  
(FEIRA DE SANTANA-BA, 1930-1945)**

**Alex de Jesus de Brito<sup>1</sup>; Márcia Maria da Silva Barreiros<sup>2</sup>**

<sup>1</sup> Bolsista voluntario do núcleo Mulieribus/UEFS, Graduando Licenciatura em História, Universidade Estadual de Feira de Santana, [Alex-his@hotmail.com](mailto:Alex-his@hotmail.com)

<sup>2</sup> Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, [marciambarreiros@ual.com](mailto:marciambarreiros@ual.com)

**PALAVRAS-CHAVE:** resistência negra, oralidade, escrita.

## **INTRODUÇÃO**

O objetivo desse trabalho é analisar o encontro entre a escrita de origem européia e a oralidade de origem africana no romance *Setembro na Feira (Bahia, 1986)* e a importância desse encontro para o estudo da experiência e da resistência negra em Feira de Santana. Realizo essa análise através de “*paradigmas indiciários*” (Ginzburg, 1989, p. 143) presentes na obra. Esse trabalho é importante porque estudar a experiência negra através de fontes produzidas por eles próprios nas primeiras décadas do século XX é uma tarefa possível, mas nada fácil. No entanto, as fontes indiretas sobre o negro são abundantes. Nessas está refletido o lugar subalternizado do negro no Brasil. Além disso, as fontes revelam a sensibilidade representada pela “questão negra” (Rodrigues, 1977) para o futuro da jovem República brasileira. Isso, em parte, devia-se ao fato de que as classes dominantes dificultavam aos negros a participação democrática “*no mercado de bens simbólicos*” (Bourdieu, 2009); o que, por consequência, comprometeu o registro escrito de memória para os negros. Um dos principais fatores para que isso tenha acontecido foi a exclusão dos negros dos meios formais e legitimados de educação, o que impôs sensíveis restrições ao acesso à escrita. Mas nessas condições, pode-se recorrer a outras formas de registro de memória, sendo uma delas a oralidade que abordaremos aqui através do seu contato com a tradição escrita.

## **METODOLOGIA**

Escritor e jornalista premiado Juarez Bahia (Disponível em [http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/dic\\_j1.htm](http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/dic_j1.htm); consultado em 06/07/2010) através do romance *Setembro na Feira*, uma memória romanceada que nos remete ao final da década de 1930 e início da década de 1940, em Feira de Santana. Fornece nos indícios de memória da subalternidade vivida pelo negro na cidade e das “*guerras de representações*” (Chartier, 1990) em torno da questão. Através dos diálogos entre os personagens do romance procuramos investigar o encontro entre a literatura e a oralidade.

O mais importante é que nos indícios apresentados na obra os negros também protagonizam, participando como sujeitos nesse conflito. Por ser materializado por meios da escrita - um dos principais símbolos da tradição européia - e, ao mesmo tempo, atravessado pela tradição oral afro-brasileira, como veremos a diante, o romance *Setembro na Feira* é um profícuo exemplo de “*circularidade cultural*” (Ginzburg, 1989, p.20). É nesse sentido que o utilizaremos para analisar o encontro profícuo entre a oralidade e a escrita para a memória da resistência negra em Feira de Santana.

## **RESULTADO DA DISCUSSÃO**

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

O escritor Juarez Bahia nos fornece o exemplo através de um diálogo de alguns personagens do romance sobre Lucas da Feira. Escravo fujo que viveu na primeira metade do século XIX em Feira de Santana, que segundo a história escrita e algumas memórias sobre ele, formou um bando e aterrorizou os poderosos saqueando, estuprando, matando, na cidade e na região, etc. (Lima, 1990), O citado diálogo acontece devido a uma polêmica levantada por um dos personagens negros do romance, Tom Palanque, um dos muitos personagens negro e pobre do romance. O Tom Palanque se indigna com a atitude do poder público do município, devido à realização de vistorias nos carros alegóricos do cordão carnavalesco as Melindrosas. Vale ressaltar que esse bloco era um dos mais na cidade da cidade e de origem popular, a maioria dos seus componentes eram mulheres negras e pobres da cidade (Santa Bárbara, 2007). A vistoria acontece por que um dos carros alegóricos desse clube escolhe homenagear um importante personagem negro da cidade, Lucas da Feira ou Lucas Evangelista, que ficou conhecido nacionalmente, em meados do século XIX, pela sua resistência à escravidão. No romance, Tom Palanque se destacava na cidade pelo dom que lhe garantiu o apelido, a oratória. Ele dialoga com Dálvaro do Amor Divino, um pai de família ansioso por liberdade e sufocado pela ditadura do Estado Novo. Tom Palanque, indignado com a vistoria no carro das Melindrosas, polemiza:

- Preto não é gente? – Tom Palanque ao se comentar o episódio dos reparos que a civilização faria ao carro alegórico das Melindrosas.
- Você é a resposta, Tom – aponta Dálvaro do Amor Divino.
- sou uma resposta agressiva – Tom Palanque – porque sou negro e me orgulho disto, não ando dizendo o contrário por aí, nem tenho vergonha de dizê-lo.
- Mas – pondera Dálvaro do Amor Divino – a civilização teria suas razões: o Lucas da Feira não era um cidadão qualquer, não era um negro comum, era um malfeitor.
- Ora, Dálvaro – diz Tom Palanque – por que em vez de civilização você não diz os brancos? Ai está o engano geral, quando se condenava a alegoria do Lucas da Feira no Carro das Melindrosas , não era o criminoso o condenado, mas o preto. Na terra dos brancos o preto é criminoso é imperdoável. Seu Dálvaro. (Bahia, 1986, p. 128).

No diálogo, é patente a defesa da memória sobre “Lucas da Feira” por parte de Tom Palanque, fica claro também que ao fazê-la, o personagem se pretendia defensor, não apenas de Lucas, mas da população negra que, sob o domínio de brancos é criminalizada. Nessa mesma perspectiva, Clovis Oliveira conclui que as produções em torno de Lucas visavam consolidar, também, uma imagem negativa do negro na cidade, “sendo portanto a maneira encontrada pelos donos do poder de manter a comunidade negra sob o manto da escravidão simbólica [...]”(Oliveira, 2000, p. 128).

Na coluna “Vida feirense” encontramos matérias que reafirmam a estigmatização de Lucas da Feira que, por tabela, atinge a população negra da cidade, principalmente pelo fator biológico/hereditário/racial manifesto no arquétipo forjado sobre a figura de Lucas da Feira:

O Lucas da Feira era um crioulo escravo de um padre [...] desde de pequeno fez o senhor comer candeias de sebo com suas vadiações e malvadez. Como vinte e poucos anos, o moleque já furtava e fazia prosas de meter medo. Até que um dia fugiu de casa e foi cumprir a sua sina [...]. Quanto mais o tempo passava, mais brabo e cruel ficava o diabo do negro. (Vida Feirense, Folha do Norte, Feira de Santana, 27/01/40.)

Repare que a matéria através dos termos “desde pequeno” e “sina” tenta-se imputar uma concepção fatalista quanto ao comportamento de Lucas da Feira que é apresentado fora

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

da sua experiência histórica, o período imperial. Mas as manifestações orais oferecem outras versões como a de Mané Inácio.

Mané Inácio, outro personagem de *Setembro na Feira*, caracterizado como um senhor de idade, em uma disputa de representação, nos fornece vestígios da forma como a população negra excluída da cidade rememora os fatos, as tradições, e as pessoas importantes para sua história e resistência, nesse diálogo Inácio defende outra versão sobre o memorável escravo fujo:

-É verdade, Dona Maria – diz Mané Inácio – sou velho, mas não tanto assim. Os meus maiores viram e deles ouvi o que transmito. Meu pai me contava que havia brancos e pretos na Feira que respeitavam Lucas como um santo.

- Só se santo do Pau Torto – diz Maria Barbada. – o que sei é que Eli foi um diabo.

- Isso é a história escrita que fala, Dona Maria. A história falada é diferente. Meu pai dizia que ele era mau para uns, bom para outros. Não é assim que nos somos? Para uns nos somos bons, para outros não prestamos. Os pretos gostavam dele. E não era só de simpatia não, era de respeitar (BAHIA, 1986. pp.127-128.).

Aqui, Lucas Evangelista é apresentado pelo idoso Mané Inácio como pessoa comum, que como tal não agrada a todos, mas, acima de tudo, é respeitado. Temos também a dicotomia entre a história escrita e a contada. Dicotomia que nos remete a uma forma tradicional de excluir do mundo ocidental através da escrita. Mas, também, a uma forma tradicional de rememorar a experiência na oralidade afro-brasileira. Através da “guerra de representações” sobre Lucas da Feira e da dicotomia entre escrita e oralidade, Juarez Bahia apresenta, a um só tempo, o protagonismo dos negros e a oralidade como instrumento de defesa contra a perseguição simbólica que tem na escrita um dos seus principais baluartes. Observe que o diálogo é datado em fins da década de 1930 e início de 1940 e nos remete à memórias do século dezenove sobre a resistência negra na cidade e que essa memória é fornecida pelo negro idoso Mané Inácio que terá ouvido dos seus pais. Daí a importância da oralidade e do encontro da mesma com a literatura.

## CONCLUSÃO

Evidências como as analisadas no romance de Juarez Bahia nos leva a concordar com Emilio Bonvini, segundo o qual

A tradição oral afro-brasileira, longe de se enfraquecer em razão do dilaceramento operado pela escravidão e pelas condições particularmente desconfortáveis para a sua manutenção, soube guardar uma vitalidade extraordinária. Ela guarda esta vitalidade, por um lado pela determinação dos negros que escolheram como um dos meios mais eficazes para guardar a sua própria identidade e firmar a sua dignidade de homens, e, por outro lado, por sua dupla ancoragem: a noção africana da palavra e sua inserção no universo religioso afro-brasileiro (BONVINI, 2001, p. 47).

A essa perspectiva, acrescento apenas mais uma ancoragem, a resistência. Isso ajuda explicar a vitalidade e a permanência de memórias como a de Lucas da Feira, a de Zumbi dos Palmares, etc. superando todas as adversidades. Por outro lado, o encontro entre a oralidade e a escrita é fenômeno importante para analisaremos indícios da experiência e da resistência negra no passado.

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

## REFERÊNCIAS

- BAHIA, Juarez. *Setembro na Feira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- BONVINI, Emilio. *Tradição oral Afro-Brasileira e as razões de uma vitalidade*. In. Revista do Programa de Estudo Pós-Graduados em História e do Departamento de História, PUC-SP. Junho/ N° 22. 2001.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. introdução, organização e seleção Sergio Miceli. – São Paulo: Perspectiva. – Coleção estudos; 20 dirigida por J. Guinsburg. 2009.
- GINZBURG, Carlos, Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história. São Paulo. Companhia das Letras. 1989.
- LIMA, Z. J. *Lucas Evangelista: o Lucas da Feira estudo sobre a rebeldia escrava em Feira de Santana*. 1990.
- OLIVEIRA, Clovis Ramaiana Moraes. *De empório a Princesa do Sertão: Utopias civilizadoras em Feira de Santana (1893-1937)*. Salvador: UFBA, 2000. Dissertação/Mestrado em História/UFBA.
- RODRIGUES, Nina. *Os africanos no Brasil*. 5ª. Ed. Brasília: Universidade de Brasília, p. 283.
- Roger, *A história cultural entre: práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, Lisboa. Portugal: Difel, 1990.
- OLIVEIRA, Clovis Ramaiana Moraes. *De empório a Princesa do Sertão: Utopias civilizadoras em Feira de Santana (1893-1937)*. Salvador: UFBA, 2000. Dissertação/Mestrado em História/UFBA. p.128.
- SANTA BARBARA, Reginildes. R. *O caminho da autonomia na conquista da dignidade: sociabilidades e conflitos entre lavadeiras em Feira de Santana-BA-2007*(dissertação de Mestrado em História UFBA).
- Vida Feirense, Folha do Norte, Feira de Santana, 27/01/40.